



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA  
PROFESSOR: RINALDO LOBATO**

**A METÁFORA ROSEANA DO AMOR: A ESPINHA DORSAL DO CONTO  
SARAPALHA**

**VALERIA PRISCILA VALADARES SENA**

**ABAETETUBA-PARÁ  
2021**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA  
PROFESSOR: RINALDO LOBATO**

**A METÁFORA ROSEANA SOBRE O AMOR: A ESPINHA DORSAL DO CONTO  
SARAPALHA**

**Trabalho acadêmico de conclusão de curso,  
apresentado na universidade federal do Pará,  
para obtenção do grau de letras-língua  
Portuguesa, com a orientação do Msc.  
Professor, Rinaldo Lobato.**

**ABAETETUBA-PARÁ  
2021**

# A METÁFORA ROSEANA SOBRE O AMOR: A ESPINHA DORSAL DO CONTO SARAPALHA

Valeria Priscila Valadares sena

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, realizar uma análise da construção narrativa do conto "SARAPALHA" escrita por Guimarães Rosa e publicado na obra SAGARANA(1946) partindo da hipótese de que a estrutura do texto se baseia em elementos próprios da poética Roseana brutalizados metaforicamente, tais como, seus domínios no campo da escrita, construindo metaforização em cima do tema "Malária", de que forma a metáfora é proposta pelo autor e como está postada na obra através dos gatilhos linguísticos que Guimarães usa para alcançar o leitor, apresentação do espaço como um cenário deprimente, a exploração no plano temático da morte e da doença, a dualidade sobre o abandono de uma mesma mulher cuja a personagem contrasta com inúmeras representação do feminino que os rodeia e sobre a criação de uma temporalidade circular e fantasmagórica.

**Palavras-chave:** literatura; metáfora; brutalidade; malária; expressão amorosa

## ABSTRACT

This work has as objective carry out analyses of the sarapalha tale. witten by Guimarães Rosa and published in sagarana(1946) starting from the hypothesis the structure of the text is based on elemento of such as his domains in the field of writing, constructing metaphorization on the theme of malaria in what form a metaphor proposed by the author. and as it is placed in the work through linguistic trigger, Guimarães uses it to reach the reader.presentation of space as a depressing scenario, exploring, in the thematic plan of the abandonment of the same woman whose character contrast with the humber of female presentation that surrounds them and the creation of a phantasmagoricalcircular temporality.

**keyword:** literature; metaphor; brutality; malaria; loveng expressio

## Sumário

<b>1</b>	<b>Introdução</b> .....	<b>3</b>
<b>2</b>	<b>Capítulo II</b> .....	<b>7</b>
2.1	Conceito de metáfora .....	7
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>12</b>
3.1	abordagem e método de pesquisa .....	11
3.2	Analises dos métodos de pesquisa .....	12
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO IV</b> .....	<b>15</b>
4.1	Obra de Guimarães Rosa e a Expressão Brutalizada.....	15
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO</b> .....	<b>20</b>
5.1	A metáfora Amorosa em Sarapalha .....	20
	<b>Consideração Final</b> .....	<b>28</b>
	<b>Referencias</b> .....	<b>30</b>

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho foi elaborado baseando-se nas reflexões sobre as expressões da doença como metáfora, como formulados nos termos de Sontag (2007), a malária ou maleita, no conto Sarapalha (1946). Esta Narrativa de João Guimarães Rosa nos possibilita demonstrar com sua leitura a importância de saber reconhecer e diferenciar as várias possibilidades expressivas da língua portuguesa, neste particular, a metáfora. O estudo das formas expressivas do autor pode nos mostrar através da linguagem escrita, variações linguísticas, a diversidade das expressões locais regionalistas e o personagem como o próprio falante que se expressa e o universo falado.

O conto literário SARAPALHA de Guimarães Rosa, se realiza em uma narrativa diferente; traz um linguajar próprio formado por homofonia, sons que são próprios da vida e fauna sertaneja condicionado ao lugar de onde é vivenciado, como por exemplo, na ressignificação de palavras usadas pelo autor, mostrada de maneira proposital e outras marcas que caracterizam o sertão de maneira única e muito presente no conto, exploradas com descrições reais, a fim de conceder veracidade a tudo que foi exposto da obra, codificando novos sentidos e descobrindo enigmas para que os mesmos sejam entendidos e explicados de maneira a qual o leitor consiga

entender, não somente o que está sendo descrito, mas como se escreve, o que o autor quer passar com tal escrito. Culminando de forma real e necessária a realidade existente e mostrada, em metáforas, versos de brutalidade, a partir do sujeito que enuncia o discurso.

Como aconteceu esse processo, 'o conhecimento extraído do que seria a metáfora da brutalidade, a expressão brutal mesmo a expressão amorosa metaforizada na obra

Dessa forma explanada a respeito do que o artigo irá apresentar e suas características mediante o contexto. (Juntando todos os achados e explicativos exemplos sobre a metáfora,) como nossa pesquisa evidencia, Metáfora, do grego antigo, significa transporte; os táxis na Grécia de hoje são chamados de *Metáphora* é uma forma de expressão que surgem como uma mudança, transporte; é como se pudéssemos fazer um jogo de palavras, no qual o leitor é o jogador. Buscamos com isso, uma maneira de introduzir um debate sobre o entendimento do Conceito de Metáfora como ferramenta linguística, atrelando nesse trabalho a literatura, o conto, e a metáfora, com (essa) referência(s) no conto *SARAPALHA*, mostrar-se como Guimarães através de uma Narrativa sobre uma doença que assola o lugar, que por si só já é um fator triste e muito agravante, consegue transmitir todo um mundo de emoções, sensações e semelhanças, jamais vistos por escrito algum, de uma forma tão genuína, utilizando todos os sentidos da vida sertaneja de uma maneira muito veraz, fazendo uma mistura do mágico e o real, desmitificando totalmente os processos mentais e verbais existente ao contexto, mudando as articulações no mundo da linguagem, trazendo intencionalmente recursos de expressões poéticas, quebrando as barreiras entre normativa e lírica. Transformando não somente em metáfora, mas sim em metáforas poéticas, como já foi citado, destituindo totalmente a linguagem padronizada. O discurso das narrativas de João Guimarães Rosa constrói um estilo poético elevado, a partir do jogo metafórico empreendido, e é ele que será enfatizado neste trabalho. Neste artigo examinamos os efeitos de sentido alcançados pelos tropos imagéticos rosianos, um dos aspectos do encantamento que a estranheza do seu conceber e pouco usual provoca. A *poiesis* do ficcionista faz-se da revitalização contínua do material linguístico com que trabalha: em entrevista que concedeu a Gunter Lorenz, Rosa (1991, p,89) afirma que

“O melhor dos conteúdos de nada vale se a língua não lhe faz justiça. ” Com isso mergulha de corpo e alma no desenvolvimento da constituição linguística,”

Dedica-se à busca do inexplorado. A linguagem, e o milagre rosiano, revela-se elemento criador e ordenador do mundo, e a metáfora elemento central dos efeitos de sentido que o ficcionista alcança.

Pensando nisso desenvolvemos esse trabalho para não somente mostrar um breve resumo sobre SARAPALHA ,destacar, claro, que o conto faz parte da obra SAGARANA, que portanto atravessa à história, mas também , para que assim vocês consigam compreender o sentido dela para com a literatura, e de maneira natural identificar as peculiaridades na construção da narrativa e personagens (no corpo de pesquisa) para assim poder atingir o objetivo proposto pelo autor, o intuito é compartilhar com todos a forma totalmente metafórica em que o conto SARAPALHA foi escrito e a maneira que Guimarães retrata isso em todos os trechos escritos do conto, da doença MALÁRIA como metáfora amorosa, até várias outras questões sociais colocadas de forma rápida e precisa no texto, desmistificada e única, transformando em uma linguagem pouco comum para a época, mas que anos depois tomaria proporções inimagináveis, quase que atemporal, Guimarães apresenta neste conto de uma forma literária, verdadeira, brutal e bastante metaforizada existente em sua grande, inteligente e humanizada passagem pelo sertão, transformando de forma humana e muito sensível todos as mazelas, dor e causas do povo sertanejo, produzindo um sentido figurado, buscando comparações, entre as palavras de uma forma contraditória, tornando-se um recurso expressivo muito utilizado. No entanto, objetifica fazendo um link de todos os contos de SAGARANA, focalizando apenas em um que centralize toda a obra, mas que também estão interligadas a vários problemas sociais, que relatam de forma clara, objetiva e concisa, a realidade da sociedade do século XX, tais fatores estão relacionados a brutalidade que é encontrada na maioria dos contos de forma implícita, que se manifestava por ações. Guimarães expressa com as palavras de forma que nos faz sentir os desejos implícitos da época. Outro ponto é o preconceito tanto religioso quanto racial, que perdura até hoje. A brutalidade social que é o fator constante, presente de forma nítida, a qual se faz presente em todos os contos que constituem a obra.

Assim, com o intuito de alcançar o objetivo imposto, organizou-se este trabalho em quatro capítulos. Primeiramente, apresento toda a fundamentação teórica pertinente ao trabalho, o conceito de metáfora, em seguida, descrevo os procedimentos metodológicos utilizados para montar o trabalho, e a obra literária. Posteriormente, apresento a análise, discorrendo a respeito do conceito de Metáfora e a respeito da brutalidade romantizada em SARAPALHA e Finalmente, tecer considerações a respeito da proposta de produção mencionada acima.

Passo agora ao capítulo I, no qual apresenta os construtos teóricos que fundamentam o trabalho

## **2 CAPÍTULO : CONCEITO DE METÁFORA**

Partindo de considerações sobre o Conceito de Metáfora, cito Lakoff e Johnson (1980), que entendem essa figura como a projeção de um domínio de origem em um domínio-alvo, e da teoria de Fauconnier e Turner (2002), vinculada esta última à Teoria dos Espaços Mentais, objetivando descrever a capacidade de origem das metáforas, sua dualidade a respeito da brutalidade externada no conto, através da metaforização das palavras, analisando o conto SARAPALHA, e fazendo uma breve explanada na obra SAGARANA, a qual o conto está vinculado.

O estudo da metáfora tem condições de revelar o grau de harmonia dessa obra, nas metáforas criadas existe muita contradição a respeito do que se fala para o que se quer dizer verdadeiramente, pois tudo acontece através de uma interpretação do leitor, a qual Guimarães deixa em aberto.

Vale destacar que de uma maneira geral, já dentro de uma perspectiva mais teórica, analisando o contexto geral dos conceitos de metáfora dos autores estudados neste trabalho, parece haver um consenso entre pesquisadores, estudiosos e professores de linguística de que a Metáfora representaria, em sua essência, uma transferência de sentido de um termo “A” para um outro termo “B”(o sentido original grego do vocábulo) Essa visão consensual, que implica necessariamente “transporte de sentidos”, é assim explicitada por Mendes (201

Para os principais estudiosos da metáfora, em que pese a contribuição específica de cada um, a metáfora é desvio, constitui uma transposição de uma palavra que, levada de um conceito a outro, deixa sua acepção original e figura uma ideia diversa e inesperada. Na metáfora, o enunciado apresenta um sentido, mas a enunciação constrói outro. A palavra utilizada como metáfora não apresenta o sentido do senso comum do dicionário: no discurso poético ela se faz portadora do efeito de sentido que projeta, ou seja, que lança de dentro de si para um novo existir, uma expressão renovada na pureza original que acaba de nascer. A linguagem, na sua função poética,

liberta –se da prática monovalente do uso linguístico, confere um novo sentido as palavras, criando realidades (Mendes, 2010)

Já Para Roland Barthes (1971, p,60), “A palavra poética nunca pode ser falsa porque é total: ela brilha com uma liberdade infinita e prepara-se para resplandecer no rumo de mil relações incertas e possíveis “

Já Segundo as virtudes delineadas por Aristóteles (1964, p,309) “A metáfora deve distinguir-se pelo “ornamento linguístico” e pelo “rico engenho “, (Aristóteles definia como a maior virtude de um poeta ou escritor o domínio, a arte do emprego da Metáfora no poema ou na Ficção).

A Metáfora é uma comparação decisiva capaz de fornecer resultados para quem consegue perceber as semelhanças estilística que nela contém

Já na expressão de Paul Valéry (1999, p,197), “a poesia é uma arte da linguagem “. Trata-se de uma nova ordem linguística fundada sobre as ruínas da antiga ordem, por meio da qual se constrói um novo tipo de significação”.

A figura poética cria tensão por meio da diferença natural dos termos em relação, pelo contraste dos componentes distintos. Seja metáfora arrojada, seja metáfora simples, seja metáfora construída a partir de uma junção de imagens em que cada termo já está mais complexo em segundo grau.

A metáfora surge, segundo Lopes (1986, p,9, 32) “De um quadrado semiótico construído pela oposição ser-parecer, nas dêixis que caminha do não parecer para o ser :como “mistério “, ela é, mesmo que não pareça, emergente da substituição “de um termo ausente que sentimos como próprio, por um termo presente, que percebemos como impróprio “(Lopes,1986, p,9)

O termo Metáfora, do grego antigo, existe morfologicamente através da junção de dois elementos que o compõem, “Meta” que significa “sobre” e “fora” que significa “transporte”. Portanto, a metáfora surge enquanto sinônimo de mudança, transporte, trazendo para o sentido mais específico da língua portuguesa, “mudança de sentido próprio para sentido figurado”.

Tendo como base o significado etimológico do termo, o processo levado a cabo para a formação da metáfora implica necessariamente no desvio do sentido literal da

palavra para o seu sentido livre; uma transposição de uma determinada palavra para outra, cujo sentido originariamente não lhe era cabível.

A característica mais relevante dessa pesquisa é objetivar a maneira como as palavras são escritas, tendo desse modo um material significativo para a análise da metáfora. Seu eixo temático é sempre em torno de uma realidade social, política ou cultural, mas sempre está em evidência a questão social, visto que a brutalidade gira em torno dessa realidade.

Diante do exposto, entende-se que através deste trabalho as pessoas que o lêem, não somente vejam a questão da metáfora, que é a base do trabalho, mas que criem um pensamento crítico social, em relação ao trabalho e a ampliação de seus repertórios socioculturais, avançando na descoberta da Literatura como uma fonte para análise crítica e suas conjunturas, descobrindo assim um mundo de conhecimento.

Sendo um recurso expressivo, que produz significado ou sentido por meio de comparações das variações das palavras, como um jogo que usamos através das frases. Na gramática é a mudança do denotativo para o conotativo, que consiste em retirar uma palavra do contexto convencional (denotativo) e mudando para um novo campo de significado (conotativo) através de uma semelhança existente entre os dois campos. Se tornando recurso estilístico, responsável por transportar o sentido literal para o sentido figurado, não sendo bem sobre o objeto que se está falando, mas sim ao sentido que muitas das vezes o objeto tem. Os recursos estilísticos são recursos responsáveis por atribuir um sentido diferente ou um termo que não lhe convém a princípio a uma palavra, eles garantem maior expressividade as frases e as falas. Quando os textos são acometidos desse recurso, é utilizado a metáfora.

Comprovando-se essa incompatibilidade do pertencimento de uma palavra ou o termo designado a ela, o receptor da mensagem conseguirá compreender a alteração que o emissor provocou e qual foi a intenção dele ao fazer tal modificação.

O exemplo abaixo deixa mais claro o objetivo de metáfora na linguagem textual.  
“Aquele menino ali é uma maria mole”

Veja que na frase o emissor não quer dizer que o menino é o doce maria mole, pois esse posto nunca lhe caberia, não teria como um ser humano ser um doce ou algo do tipo verdadeiramente, mas sim, quis dizer que ele possuía a principal

qualidade do doce, que é ser mole, fraco, popularmente "frouxo". Nesse caso, o menino possui o termo designado a palavra maria mole, e não o pertencimento dela. Compreende como acontece o transporte da palavra?!

Destacando que a metáfora é uma transposição da frase original, para outra imagem que possa ser descrita na frase. As palavras sofrem deslocamentos quanto aos seus sentidos mais comuns, surgindo em acepções incomuns.

Assim, compreende-se que Guimarães Rosa cria novas palavras, estabelece o significado primeiro dos vocábulos, subverte a sintaxe, coloca onomatopeias e faz transações imagéticas, de forma que o leitor não se acomode com as expressões comuns. E possa usar dos truques que o mesmo ressignifica.

### **3 CAPÍTULO: ABORDAGEM E MÉTODO DE PESQUISA**

O livro que serviu de corpus para esse estudo foi: Rosa, Guimarães João (1968) Sagarana, editora: José Olympio, décima edição. Esse livro foi escolhido por ter uma coletânea de 9 contos e por ser fascinada pela escrita e a veracidade de Guimarães Rosa, todos na mesma linha de raciocínio metafórico, com um linguajar peculiar e com uma vasta subjetividade cultural.

O trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica, partindo de levantamento documentais para a coleta de dados sobre o Sagarana, além interpretações e análises de críticos e comentadores sobre o livro, que foram primordiais para a compreensão, e posterior interpretação sobre a Temática que emerge do Conto. O local analisado será o sertão, com seus credos e linguajar peculiar, que Rosa fez questão de ressaltar em todos os contos, lugar esse onde acontece as narrativas

O instrumento utilizado será, resumos sobre as análises do conto e o próprio conto, para fazer as semelhanças dos dados. Buscasse com essa metodologia explicar de maneira clara, quais são as realidades metaforizadas do conto Sarapalha, além de colaborar com a noção sociocultural desse processo nos contos.

A escolha do tema aconteceu, por se tratar de uma obra extensa, que tem vários contos, que de alguma maneira se interligam, mostrando de uma forma única e mágica que o sertão é de certa maneira um lugar de vivência árdua, com um olhar único, mostrado por Guimarães Rosa

O trabalho está dividido em capítulos, para mostrar de maneira organizada toda a análise que foi realizada a respeito do tema. Apresento toda a fundamentação teórica pertinente ao trabalho, capítulo I o conceito de metáfora, em seguida capítulo II, descreve os procedimentos metodológicos utilizados para montar o trabalho, e a Obra literária. Posteriormente, no Capítulo III apresentasse a análise, discorrendo a respeito do conceito de Metáfora e no capítulo IV, apresentou-se a brutalidade metaforizada em SARAPALHA

Capítulo esses, que falam sobre a metáfora, as noções ou conceito mais específico, a obra de Guimarães Rosa e a brutalidade abrangendo e contraponto com a obra, a brutalidade metaforizada no conto SARAPALHA de Guimarães Rosa

### 3.1 Análise dos dados

A análise também foi realizada, como mencionado, através de pesquisa bibliográfica, na Leitura do livro e, em especial do Conto SARAPALHA; em resumos de artigos já escritos e de análises de autores já citados acima. Aqui também é importante ressaltar coadjuvante a pesquisa através da internet, materializada em consultas a sites confiáveis, para que assim pudesse realizar a busca por fontes caras à pesquisa ora aqui apresentada.

No primeiro momento foi analisado o Livro todo para assim destacar o que realmente seria fundamental externar a partir do conteúdo que foi proposto, no segundo momento foi feita análise dos contos e percebe-se que, eles têm verossimilhança, que todas as narrativas acontecem em um tempo comum e que a metáfora é muito presente. Além disso, todas as narrativas se passam no sertão e que Guimarães usa o linguajar peculiar para descrevê-los. Pelo fato das histórias se entrelaçam de uma maneira distinta, resolvesse analisar apenas uma, pois a narrativa metafórica é atual; no terceiro momento foi analisado o conteúdo crítico 3 histórico sobre o livro, e assim destaca se que a maneira com que Guimarães transpassa suas narrativas é sem sombras de dúvidas instigante e muito prazerosa; a forma com que cada autor citado aqui nesse texto expõe sua contribuição a respeito do tema, é muito necessário para que se consiga compreendê-lo, e que possam fazer transparecer de forma semelhante todo o conhecimento passado por Guimarães, através de suas narrativas; externa-se o resultado da pesquisa e que possam presenciar o que realmente está por de trás dos contos de Guimarães, seu amor e sua genialidade para expressar suas vivências reais e ao mesmo tempo imaginárias. Para a realização deste trabalho, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos:

a) Pesquisa Exploratória: A pesquisa foi realizada no período de 5 a 20 de abril de 2021. Utilizando –se de documentos e fotos, alguns relatos e resumos sobre o livro SAGARANA.

A pesquisa exploratória foi importante, pois objetivou a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito, à construção de hipóteses. Pois envolveu o levantamento bibliográfico, análise de exemplos que estimulem metaforicamente o leitor. Assumi, no presente trabalho, as formas de pesquisa bibliográfica e de estudo pesquisados (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010);

b) foi utilizado também o método do levantamento bibliográfico, pois é um estudo exclusivamente teórico, sendo uma junção do que se tem pesquisado e falado sobre o tema.

Como diz Fonseca (2002, p.32) “A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. ”

d) Os dados levantados foram de caráter quantitativo-qualitativo, buscase a natureza do significado de metáfora, mas concretizasse com os resultados quantificados, qualitativos, pois busca compreender os aspectos imateriais necessários, para melhor entender o autor e sua individualidade através da narrativa e quantitativa que por meio de números, pensamentos de determinados autores, qualificar suas opiniões e informações sobre o referido estudo, mostrando o resultado obtido através da compreensão realizada.

e) O trabalho é o resultado de uma pesquisa que utiliza o método de descrição focalizado para explorar o corpus de pesquisa. Considera-se uma descrição focalizada porque ela investiga um único aspecto da compreensão da linguagem: a metáfora.

A pesquisa teórica tem por objetivo ampliar generalizações, definir conceitos mais amplos, estruturar sistemas e modelos teóricos, relacionar e amarrar hipóteses numa visão mais unitária do universo e gerar novas hipóteses. Permite a reflexão sobre as informações do assunto estudado e, a partir das mesmas, a criação das próprias concepções. A pesquisa de campo, por sua vez, consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis relevantes para as posteriores análises” (RUIZ, 1996; SEVERINO, 2000).

A partir dessas etapas e ferramentas metodológicas necessárias para a realização do texto, com a conclusão desse trabalho pensa-se em desenvolver futuramente ações de extensão junto à comunidade de ensino, escola, universidade... a partir dos resultados indicados pela pesquisa, pois compreendesse que essa análise foi apenas o começo de um mundo literário cheio de nuances sobre a metáfora.

#### **4 CAPÍTULO :A OBRA DE GUIMARÃES ROSA E A EXPRESSÃO BRUTALIZADA AMOROSA**

A análise do conto SARAPALHA, que está entrelaçado com a doença como metáfora amorosa.

Parte de SAGARANA que é um livro de contos, de João Guimarães Rosa, publicado em 1946, a primeira versão foi escrita em 1938 e inscrita no concurso literário Humberto de Campos, da livraria José Olympio. Com o nome de Contos e sobre o pseudônimo de Viator, o livro ficou em segundo lugar.

Destacando-se como, uma das obras primas da prosa regionalista brasileira, possui um linguajar muito característico, com inovações, técnicas e riquezas de simbologia, que na época trouxe um significado totalmente diferente ao contexto poético, a junção entre o real e o mágico de uma maneira distinta (regional) de forma a radicalizar os processos mentais, verbais, apresentando o pitoresco, o folclore, trazendo uma maneira nova de articulação na dimensão cultural no mundo da linguagem.

O título SAGARANA é a união de dois radicais de língua distinta (hibridismo). É a junção da palavra "saga" de origem germânica, que significa "canto heroico" com "rana" de origem indígena, que significa "a maneira ou espécie de". Assim, SAGARANA é semelhante a uma saga. Além disso, é importante enfatizar que João Guimarães Rosa é um autor de destaque do Modernismo Brasileiro, da Geração de 45. Devido ao seu trabalho tão particular com a escrita, à renovação e transformação que faz do uso da língua uma força virtual da linguagem, em suas obras convivem harmoniosamente termos coloquiais típicos do sertão mineiro, palavras que já estão em desuso. Fazendo uso de um vocabulário bastante insólito, com arcaísmo e neologismos, aliteraões e onomatopeias, procede abolindo intencionalmente as barreiras da escrita normativa e a Lírica, trazendo recursos da expressão poética, células rítmicas, rimas internas cortes e deslocamentos sintáticos. Metáforas, anáforas, metonímia, fusão de estilos, características fundados na musicalidade do linguajar sertanejo, que mais parece uma mistura de melodia, com dor, felicidade e solidão, segurando de uma forma humana e ao mesmo tempo literária toda a pobreza e brutalidade vivida no sertão. É importante destacar que Guimarães Rosa, antes

mesmo de escrever SAGARANA fez um longo laboratório, sobre o sertão Brasileiro mais precisamente Minas Gerais. Ele queria poder sentir de perto todo o amor e sofrimento que o sertanejo carregava na costa e no coração, para poder contar de forma verdadeira a experiência vivida. Com isso, conseguiu fazer o registro de gírias, causos e expressões, que mais tarde transformaria em metáforas poéticas, sua especialidade em sua grande essência

No que diz respeito ao contexto social presente na obra, é válido destacar que Guimarães reconstrói o sertão como a imagem do mundo, e o sertanejo por sua vez, o retrato do próprio ser humano, que convive com problemas de ordem universal e eterna. Envolvendo vários problemas sociais, os quais estão presentes nos nove contos que compõe a obra SAGARANA

A experiência humana vivida por cada personagem é responsável pela riqueza da obra que a partir desse regionalismo, une a paisagem, homem e a sociedade, irrefletidamente junto com ele (Sagarana), servindo de itinerário sensorial à sua cegueira (São Marcos), servindo de caminho e descaminhos (Duelo), mostrando seus avisos e perigos (O burrinho pedrês), bem como instrumentalizam, através do trabalho, a possibilidade de ascensão ao plano do divino (A hora e vez de Augusto Matraga). Resumo dos contos mais importantes. Portanto, os nove contos são narrados à maneira de epopeias, associando-as com o regional a uma dimensão universal. Os jogos de linguagem que cria e recria palavras é uma marca estilística de Guimarães e está bem marcante na obra, começando pelo título, ele procura distanciar o automatismo da língua: pois a palavra literária não pode ser utilitária, reconstruída para retomar sua significação poética.

O cenário da saga é inteiramente no sertão mineiro, o espaço como um todo é um dos personagens principais das narrativas, logo depois vem o minucioso trabalho com a linguagem local, baseado na abordagem regional que Guimarães busca alcançar questões globais, como a formação da sociedade brasileira. Interligam pela forma que é contada as histórias, com temas e questões sertanejas, sendo o eixo central que liga todos os contos, como a fome, violência, e principalmente a brutalidade de diversas formas, contra a mulher, vinganças dos jagunços, mostrando um Brasil interno, totalmente desconhecido pelas leis e instituições, coisa que acontece até os dias atuais. As violências do mandonismo, dos latifundiários e do trabalho obrigatório, do racismo e da ausência de coesão social, atravessam o

conteúdo dos nove contos. Entre os personagens estabelecem-se relações com bases nas regras e nos costumes, que convivem com o mítico, mágico com a sabedoria proverbial e popular. Ele conta histórias verídicas dos próprios moradores da região.

O trabalho que está sendo proposto, é o desenvolvimento das ideias gerais expostas na obra Sagarana, mais precisamente no conto SARAPALHA, que é o foco do meu trabalho - Analisar a obra, nos termos de sua forma, sobressaindo a brutalidade amorosa, intercalam os seus atravessamentos em todos os contos da saga, como uma expressão universal, englobando geral. Abordando tanto os elementos característicos de um local determinado quanto questões que transcendem, trazendo uma certa leveza a uma brutalidade romantizada ou até mesmo desmistificada, podendo atingir todo e qualquer leitor confirmando a grandeza de Guimarães Rosa em sua abordagem das questões humanas. Apresenta uma fala que consegue fazer a junção entre o real e o mágico, de forma a radicalizar os processos mentais e verbais inerentes, traz à tona o caráter universal, O subjetivo, cedendo lugar a uma maneira nova de representar e pensar as dimensões da cultura, em suas articulações no mundo da linguagem.

O crítico e ensaísta Alfredo Bosi, analisou a linguagem de Guimarães e destacou: “A saída proposta por Guimarães para esconjurarmos o pitoresco e o exótico do regionalismo deu-se com a entrega amorosa à paisagem e ao mito, reencontrado na materialidade da linguagem. ”

A obra traz de forma distinta a representação da brutalidade metaforizada socialmente no Brasil, evidenciada tanto no plano da vida privada quanto no da vida político-institucional brasileira.

Realizando uma manutenção de causos, SARAPALHA é um conjunto de lendas, sagas, que possui muita semelhança tanto no local escolhido por Guimarães, como por ser fazer presente o lado obscuro da solidão humana, a maneira com que a dor dá lugar para o real é mágico, e de certa forma transparece um certo gostar de sentir dor, só pelo simples contar.

A SARAPALHA traz o desafio de relatar as agruras do cotidiano do sertão, mas, ao mesmo tempo, seus sertanejos são construídos com a referência da mitologia

clássica. Que enobrece a histórias e os personagens, faz comparações com outros contos dentro da sua narrativa (quando os primos estão conversando e

Um deles pede para contar a história da moça que fugiu com o Diabo, dando a entender que se trata de Luísa). Ele consegue fazer comparações com outros contos, trazendo esse jogo imagético

#### 4.1 Características da obra sagarana-sarapalha

Linguagem carregada de regionalismos, uma linguagem do povo; referente ao popular

- Rosa buscou a recriação da linguagem, colocando o falar popular e a vida no sertão nos seus escritos.
- Traz nove contos, nos quais o universo do sertão, com os vaqueiros e jagunços, surge no estilo marcante que o escritor iria aprofundar em textos posteriores.
- Garantiu-lhe um privilegiado lugar de destaque no panorama da literatura brasileira
- O regionalismo estava novamente em pauta, mas com um novo significado e assumindo a característica de experiência estética universal.
- Hibridismo - O título do livro é composto dessa forma: Saga, radical de origem germânica, quer dizer “canto heroico”; rana, na língua indígena, significa “espécie de”.
- Características folclóricas das histórias. Por exemplo, temos o "Era uma vez" que inicia o conto "O burrinho pedrês.
- Merece destaque especial "A Hora e a Vez de Augusto Matraga". Tido pela crítica como um dos mais importantes contos de nossa literatura.
- Percebe-se nele o aproveitamento do colorido de expressões típicas do povo como: "Estou como ovo depois de dúzia", "Suspiro de vaca não arranca estaca"
- Surpreendeu a crítica e levou o escritor ao renome em virtude da originalidade de sua linguagem e de suas técnicas narrativas.

- Os contos são narrados em terceira pessoa, exceto “minha gente” e “são marcos” que são narrados em primeira pessoa. Os narradores são orais, ou seja, não se comportam como quem escreve uma narrativa, mas como contra ela.
- Há uma fusão do oral com o literário, pois eles conversam entre si, com muita musicalidade, de forma poética, com muita rima e figuras de linguagem, sobressaindo sempre a metáfora
- Os contos se interligam pelo eixo central das narrativas, a brutalidade: com a mulher, com o meio social explanado de maneira quase que sequencial

## **5 CAPÍTULO**

### **A METÁFORA AMOROSA EM SARAPALHA**

Em SARAPALHA, a veracidade com a realidade vivida no Brasil no período fulminante da malária, leva o leitor a acreditar ser ou não uma história real. SARAPALHA é uma construção que demanda um esforço doloroso em torno da solidão metaforizada na doença. Faz brotar reminiscências de abandono, de vidas que já se foram, de amores roubados, de saúde que já não há e da própria vida prestes a extinguir-se no enredo do conto cada fato tem sua motivação, e eles ao longo do conto vão se conectando: o abandono do lugarejo/chegada da malária, as plantações e os animais morrendo, término do período da chuva, solidão dos primos/fuga de Luísa. O que nos remete a semelhança com a realidade de um povo nessas situações de mazela e sofrimento, é como se estivesse deixando de existir mesmo, alguns podem escolher seu destino, mas muitos não podem, precisam conviver com uma miséria cruel e desumana. Guimarães retrata isso de uma maneira metaforizada, fazendo com que o leitor consiga se transportar para a história, por conta da veracidade das palavras ditas, e dos fatos contados com dualidade de sentido, com ricos detalhes, transcendendo toda a dor e o abandono sentidos pelos personagens. Um lugarejo na beira do rio Pará, que antes tinha habitações, ruas, bons pastos, boa gente, terra boa para plantação, foi largado por um povoado inteiro por causa da malária que chegou destruindo tudo e todos, matando muita gente e acabando com o lugarejo de uma maneira surreal.

Como foi externado resumidamente, no trabalho, o maior enfrentamento do conto é com a doença, malária - que em alguns parágrafos do conto recebe o nome de maleita-; seja como doença, através das metáforas amorosas, nas manifestações contrárias dos moradores locais, no ar que envolve, impregnado pelo miasma da malária, presente na monótona persistência de sua conversa e na recorrência dos acessos febris, neste momento, qualquer sinal de um desejo que os anime; seja da

ordem do amor ou da vida, restando, aquele que teme, apenas pelo agrado do cachorro morrinhento que vem lambê-lhe a cara.

Explicasse dessa forma a maleita se coloca metaforicamente como expressão do outro no conto e com sentido ambíguo. Usa-se as análises de Susan Sontag sobre o assunto no livro "A doença como metáfora" (1984). Desse modo deixarei mais claro o apontamento e analítico sobre a questão da metáfora no conto.

A doença aparece como um castigo sobrenatural, como possessão do demônio, resultado de causas naturais. Para os gregos, a doença podia ser gratuita, mas podia ser também merecida (por falta pessoal, transgressão coletiva ou crime praticado por ancestrais). Com advento do cristianismo, que impôs noções mais moralizadas da doença, como de tudo o mais, gratuitamente evoluiu um ajustamento mais estreito entre a doença e a "vítima". A noção de doença como castigo produziu a ideia de que uma enfermidade podia ser um castigo particularmente justo e adequado". (SONTAG, 1984, p.29).

Ao longo do tempo, na história da humanidade, as doenças sempre foram faladas e escritas de maneira metafórica. Como Sontag cita, era como se ficar doente fosse um castigo das forças sobrenaturais, dessa forma acredito que Guimarães quis propor essa dualidade ao conto, que a doença Malária, não seria apenas no sentido fisiológico, mas sim muito além, que buscasse mostrar através dela o que de fato acontece com a comunidade em questão no conto, se realmente era castigo ou a força da natureza cobrando suas terras de volta; ou a cobrança de do mandonismo, e do patriarcal machismo. Toda a destruição metaforizada através da "maleita". Dessa forma, ele mostraria de forma crítica, mas também muito real todo o acontecimento social da época.

" para reforçar acusações de que uma sociedade era injusta e corrupta. As metáforas tradicionais como doenças constitui principalmente uma maneira de apelar para a veemência. (SONTAG, 1984, p.46)

Como se ninguém tivesse culpa de nada que acontecesse, tudo acontecia por mera obra de Deus ou do diabo.

O autor destaca doenças centrais nessa discussão, para poder exemplificar melhor por que a doença é vista como metáfora no texto. Tuberculose e câncer, fala que elas são doenças metafóricas de determinado contexto sociocultural. A tuberculose é uma doença do indivíduo relativa a um órgão específico do corpo- o pulmão, e confere uma aura lírica a seu portador; o

câncer é uma doença que pode afetar qualquer órgão do corpo, e não produz na cultura da humanidade uma metáfora que lhe atribuisse uma aura menos impregnada de nuance pejorativa. O que se vê são expressões como “Gravidez demoníaca”. (SONTAG, 1984, p, 10),

Trata-se de uma alusão a forma da doença, que é a do tumor, da discrepância que se projeta para fora do corpo.

Depois dessa breve explicação a respeito das doenças que Sontag destaca, fazer uma correlação entre as doenças destacadas pelo autor e a malária, através das metáforas que se confundem com o amor, analisasse e explicassem em cima da reflexão dessa manifestação, à maleita no contexto narrativo, no conto SARAPALHA. Antes de tudo convém apresentar algumas características que definem a malária, necessárias para a interpretação dessa doença como metáfora.

É uma doença prevalente nos países tropicais e subtropicais. Também conhecida como sezão, paludismo, maleita, febre de tercã e febre quartã, o vetor da doença é o inseto anofelino (*Anopheles*), um mosquito parecido com o pernilongo, que pica as pessoas principalmente ao entardecer e a noite. O ciclo da malária humana é homem-anofelino-homem. Geralmente é a fêmea que ataca, porque precisa de sangue para garantir o amadurecimento e a postura dos ovos. Depois de picar um indivíduo infectado, o parasita desenvolve parte do seu ciclo no mosquito e, quando alcança as glândulas salivares do inseto, está pronto para ser transmitido para outra pessoa. (VARELLA, Drauzio. doenças e sintomas/malária <http://drauziovarella.com.br/aceso10/2021>)

#### A doença manifesta-se

Como episódios de calafrios, seguidos de febre alta, que duram de 3 a 4 horas. Esses episódios são, em geral, acompanhados de profundo mal-estar, náuseas, cefaléias e dores articulares. Passada a crise, o paciente pode retomar sua vida habitual. Mas, depois de um ou dois dias, o quadro de calafrios/febre retoma e se repete por semanas, até que o paciente, não tratado, sare espontaneamente ou morra em meio a complicações renais, pulmonares e coma cerebral. Tratado a tempo, só excepcionalmente morresse de malária. O intervalo entre os episódios, a gravidade da doença e seu grau de mortalidade, dependem de muitos fatores, mas principalmente, da espécie de parasita causador da malária. Existe um espectro enorme de formas clínicas de malárias, umas mais graves, outras mais brandas e outras até sem sintomas. Quando sintomática, a característica principal da maleita é a sua notória intermitência. (CAMARGO. malária.pdf, <http://www.ib.usp.br//inter/2008> Acesso em 10/01/2021)

Voltaremos para as considerações de SONTAG, sobre a doença, que serão muito importantes, para depois relacionarmos com a malária e o texto analisado para o estudo.

A semelhança mais contundente entre os mitos que envolvem a tuberculose e o câncer é a de que ambos são, ou eram, encarados como doenças da paixão. Na tuberculose, febre é um sinal de ardência interior: o tuberculoso é alguém “consumido” pelo ardor, aquele ardor que leva a dissolução do corpo. O uso de metáforas extraídas da tuberculose para descrever o amor, a imagem de um amor “doentio” de uma paixão que consome, antecede muito o movimento romântico. Com os românticos, a imagem se inverteu, e a tuberculose foi concebida como uma variante da doença do amor. Como antigamente se pensava que a tuberculose fosse o resultado de uma paixão excessiva, que ataca as pessoas descuidadas e sensuais, hoje muitos acreditam que o câncer seja uma doença ligada a insuficiência de paixão, atacando os que são sexualmente reprimidos, inibidos, não espontâneos, incapazes de exprimir o ódio. (SONTAG, 1984, p.15).

Na narrativa analisada há uma característica da mitologia, que atravessa essas doenças em torno da maleita, semelhante a que envolve a tuberculose e o câncer. Nesse caso os sintomas são iguais aos do indivíduo infectado pela tuberculose, dentre eles destaca-se a febre, inclusive um dos nomes populares da malária e febre de terçã, como vocês já puderam ver. Assim como a tuberculose foi transformada em mito como doença do amor, na narrativa é possível identificar essa interferência. No caso roseano, são dois parentes- primos acometidos pela doença que, juntos sofrem por causa da partida da mulher amada; ela por sua vez, com os estragos que causa na vida deles, metaforiza o sertão, vasto e seco.

Para compreender melhor como ocorre essa relação, destaca-se uma epígrafe do texto, utilizado por Guimarães Rosa, que resume a expressão significativa do texto

Canta, canta, canarinho, ai, ai, ai...  
Não cantes fora de hora, ai, ai, ai...  
A barra do dia vem, ai, ai, ai...  
Coitado de quem namora (ROSA, 2001, p, 151).

Como podemos ver, no trecho destacado, ele mostra a expressão de culpa e fracasso do primo Argemiro que, ao cantar fora de hora, acaba confessando o sentimento nutrido pela mulher amada, que também foi arremessado pela “seção” literalmente e metaforicamente. Fazendo com que tal confissão mostre-se o delito, separando os primos que se consideravam unidos, da parte de ribeiro pela doença, e mais profundamente pelo amor a mesma mulher, aquela que se institui a partir de então como a imagem da doença, metaforizada como uma mulher de grande lindeza. Do amor por uma mulher dando alusão ao sofrimento da doença. Derrota ambos, tornando uma doença da alma, uma doença moral, se interpõe entre os primos que ficam acometidos de amor pela mesma mulher e pela malária, que por sua vez é a expressão metafórica desta mulher, é como ser o amor trouxesse sofrimento para quem o sente, mas também felicidade para quem a vive.

Mas, a conseqüente ausência da mulher e da chegada da doença parece ter aberto fendas nas rudezas desses homens do mato, como invasão do gênero feminino, fazendo surgir daí uma ternura inusitada, quase uma confissão de falta, condicionada na procura de um pelo outro, como sinônimo de sobrevivência, diante das perdas da saúde e do amor

Quando aborda a questão do feminino, ressalta que, ao longo da história, é a mulher quem sustenta o discurso da ausência, quem lhe dá forma, enquanto tece, enquanto canta e espera, “de onde resulta que todo homem que fala a ausência do outro feminino se declara: esse homem que espera e sofre está

milagrosamente feminizado, um homem não é feminizado por ser invertido sexualmente, mas por estar apaixonado (BARTHES,2000, p,53)

Para eles sentir saudades ou sofrer por alguém, se tratava de um sentimento afetado somente pelo gênero feminino, o homem não sofria por amor, ou pelo menos não demonstrava. Pois isso era sinônimo de fraqueza e não emoção comum do ser humano. Por isso, quando alguém era acometido por esse mal, falava-se que estava (feminizado).

Assim como o ciclo da doença tem uma cronologia homem/anofelino fêmea/homem, assim também acontece na relação triangular Ribeiro/Luísa/Argemiro semelhante a malária, cuja a fêmea ataca para garantir a sobrevivência de sua espécie, destaco Luísa como foco principal da narrativa, pois com sua” picada amorosa” colocou nos primos a doença do amor.Os estágios da doença se confundem com os sintomas de quem foi cometido pelo amor, ou melhor pela doença do amor, sendo destacado poeticamente por Rosa, quando ela se prepara para se hospedar no corpo da vítima:

É de-tardinha, quando as mutucas convidam as muriçocas de volta  
Para casa, e quando o carapanã rajado mais o mossorongo cinzento

Se recolhem, que ele aparece, o pernilongo pampa, de pés de prata  
E asas de xadrez, entra pelas janelas, vindos dos cacos das frinchas,  
Das Taiobeiras, das bananeiras, de todas as águas, de qualquer lugar  
-Olha o mosquito-borrachudo nos meus ouvidos, primo! ...

- É a zoeira do quinino... você está tomando demais ... (ROSA, 2001, p 153-154)

É como se estivesse contando uma narrativa erótica, percebe-se que o som da aliteração do “S” nas palavras que os contém, é como se produzisse uma música, semelhante ao som do mosquito, é então a descrição do momento do ataque, percebe-se que ele conta com um certo prazer, como se o amor e ódio estivesse lado a lado. No transcurso desse ataque os primos conversam sobre as alterações físicas que a doença vai deixando no corpo, até o momento em que Argemiro não se contém

e finalmente insere Luísa na conversa: é a dualidade com a dor e o prazer, uma relação masoquista, que ele gosta de sentir e viver.

É isso, primo Argemiro. Não adianta mais sojigar ideia. Está noite sonhei com ela, bonita como no dia do casamento. E, de madrugada, inda bem as garrixas (um pássaro pequeno, que canta muito cedo na madrugada) ainda não tinha pegado a cochichar na beira das telhas, tive notícia de que eu ia morrer

Agora mesmo garrei a imaginar: não é que a gente pelejou para esquecer e não teve nenhum jeito? Então resolvi melhor deixar a cabeça solta pensando nela, primo Argemiro. -Tanto tempo, primo Ribeiro! ...-muito tempo...-O senhor sofreu muito! E ainda a maldita da sezão...-A maleita não é nada. Até ajudou a gente a não pensar (ROSA,2001, P,160)

Nesse trecho destacado, é notório o quanto é brutal a dor que ambos sentem pela mulher amada, a malária-maleita, chega a ser um consolo diante de tal sofrimento, afastando os pensamentos dolorosos, que machucam mais, veja que o ciclo da doença é muito parecido com o sujeito comedido de paixão. E como analisou Susan Sontag em suas reflexões a respeito da tuberculose como doença do amor, estão os primos, portanto, duplamente privados de qualquer possibilidade de cura amorosa, e não parecem querer se curar da malária, pois já estão em estado avançados da doença, e parecem esperar a morte, mas com uma certa esperança de que Luíza possa voltar e curá-los do sofrimento e da dor da alma, que parece ser a pior. Para a malária, esperança: para o amor as confissões de lembranças, ditas fora de hora porque ressoa em Argemiro como dupla traição. Por tanto ao partir primo Argemiro leva consigo a dor de um amor não realizado: a dor de uma amizade desfeita, mas a pesar da morte, parece ser o único que consegue se libertar do amor maldito por Luíza; já primo Ribeiro, fica e vive a dor de um amor duplamente ultrajado: pela mulher, que trocou o por um boiadeiro e pelo primo que a amou solitariamente e pelo fracasso de não conseguir matá-la por sua traição, não conseguindo se libertar de tal amor. Já Luíza, precisou garantir sua continuidade, deixando tudo para trás e

partiu com a próxima vítima: o boiadeiro, em um ato corajoso e se tratando de um cenário sertanejo, totalmente machista e preconceituoso.

Esse trecho do conto, mostra como a brutalidade está metaforizada, não só no corpo da pessoa que é devastada pela doença, malária, mas sim por toda a brutalidade que causa, o lugar que é acometido pela doença, tudo passa a não existir, a não servir de nada comparado a tamanho sofrimento e desilusão que a doença traz, a brutalidade pega não somente o corpo do ser humano, mas também, seus sonhos, que são arrancados brutalmente, suas terras que começam a viver o desgaste da falta de água, e de cuidados, mas ao mesmo tempo a natureza vai tomando conta, tem uma certa vitória, é como se ela estivesse pegando de volta sua parte, vencendo a urbanização. O conto é o tempo todo marcado por dois sentidos, é como se ele falasse uma coisa, mas também quisesse mostrar outra. Vivenciando um mundo totalmente paralelo com suas narrativas reais.

Dando fala e veracidade a brutalidade conhecida por nós, seres humanos, aquela que fere até o mais puro de todos, a traição, que corroem a alma e cega nossas atitudes, mas que também se desvanecem em meio a tamanho sofrimento prolongado, por uma brutalidade desmedida que ataca não somente a terra, alma e o pensamento, mas também mexe com o lado emocional do ser humano. Causado por uma ilusão de cuidado ou pela falta dele, o amor.

## CONSIDERAÇÃO FINAL

Esta pesquisa é resultado do engajamento literário, do comprometimento, com a obra Roseana, que contribui para o desenvolvimento interpretativo. Teve como propósito analisar metaforicamente a brutalidade amorosa no conto SARAPALHA. Como ela atravessa o conto de maneira contraditória e muito avassaladora, desmistificando o cenário narrativo do conto.

Para isso buscou se identificar e analisar documentos históricos e resumos de autores conhecidos já citados no texto, SARAPALHA centraliza a brutalidade metaforizada e em muitos trechos romantizados, através da doença Malária. Sendo dessa forma, importante destacar que a mesma é marcada por diversas questões brutais que atravessam o conto de uma forma bem peculiar, destacando a linearidade da narrativa, que se desenvolve na maior parte sob o tempo psicológico dos personagens, os quais estão ligadas a vários problemas sociais, que relatam de forma clara, objetiva e concisa a realidade da sociedade do século XX, tais fatores estão relacionados a brutalidade que é encontrada não somente no conto mas em todo o livro de forma bastante explícita, transformando as metáforas em poesia, mostrando de uma forma bonita e até menos dolorosa, todas as mazelas sofrida pelo povo sertanejo. Dessa forma Guimarães parecia brincar com a dualidade em sua obra, sempre colocando o sofrimento quase que de uma maneira romantizada dor versos amor, mostrando as mazelas do povo sertanejo, de uma forma sutil, verdadeira e bastante consistente. SARAPALHA é evidenciada em cima de alguns tópicos característicos a sociedade brasileira, se trata da relação que conhecemos muito bem, a relação do exercício do poder privado e do poder estatal, o nível de atração social, a supremacia da família patriarcal, a diferencia das práticas religiosas, vestígios de caráter como tendências melancólicas, a realidade da violência e as maneiras de livrar-se na falta de um aparato legal que deveria funcionar acima de qualquer

interesse particular. O progresso social e econômico, se afunda e junto com ele coexiste a doença, que vem com uma dualidade metafórica, representada em Luísa como causadora e também a cura de tal acontecimento. Fruto da supremacia machista da sociedade, que eleva sua predominância patriarcal, que já era retratada de maneira sutil e sucinta por Guimarães, a condição psicológica dos personagens, em conjunto com a doença, a tristeza, a saudade e o efeito de retroceder, estão de tal forma entrelaçados no conto que cada fator desses é efeito e causa dos demais, e tudo isso vai de maneira gradual, guiando os personagens ao desalento moral, físico e mental. Ambiguidade que percorre os contos de Rosa de uma forma laceral e ao mesmo tempo sutil. Guimarães tinha essa consciência das dificuldades que seus textos apresentavam para o leitor, não pela a escrita que era contextualizada, mas sim por ser tratar de uma maneira totalmente desmistificada de expressar seus pensamentos, e sabia que através deles o mundo ia poder conhecer a magia do sertão, de uma maneira única, verdadeira e totalmente metaforizado.

O jogo metafórico de Guimarães é constituído por acúmulo de imagens e de elementos repetitivos, embalados pela melodia de mitologia e pelo ritmo de mudança e efeitos de retórica poética, expressivo, uma linguagem que jamais seria produzida em estado ordinário, sendo isso um aspecto fundamental na poética de Guimarães Rosa, além de ser uma escrita bastante representativa e cheia de afeto e sabedoria, que nunca vimos igual.

## REFERÊNCIAS

FIORIN, José Luiz - Linguagem e Ideologia. São Paulo, Ática, 1988, 87 p, (Sérios Princípios v.137).

ROSA, João Guimarães. Sagarana. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2001  
WWW. Teses. USP. Br. O Brasil de Guimarães Rosa

ARISTOTELES. Arte retórica e Arte poética. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difel. 1964.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. Metáforas da vida cotidiana. Trad. Maria Sophia Zanotto et al. [Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora- GEIM]. Campinas, SP: Mercado de Letras: São Paulo: Educ., 2002 (Coleção de faces da linguística aplicadas).

LOPES, Edward, Metáfora: da retórica à semiótica. São Paulo: Atual, 1986

MARTINS, Nilce Sant'Anna. O léxico de Guimarães Rosa. 2. Ed. São Paulo; Edusp, 2001.

ROSA, João Guimarães, O recado do morro. In\_Corpo de baile. Rio de Janeiro: Jose BOSI,  
BOSI, Alfredo. <https://vestibulares.com.br>, acesso em 21.10.2021)

BARTHES, R Fragmentos de um discurso Amoroso, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000, p.53  
CAMARGO, Erney Plesman. <http://www.ib.usp.br//inter/0410113/html/malária.pdf>:  
Acesso em 10/01/2021)

VARELLA Dráuzio} <http://drauziovarella.com.br>. Acesso 10/2021)

SONTAG, Susan. A doença como maleita. São Paulo: Cia das Letras, 1984.

VALÉRY, P. Variedades. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São

Paulo: Iluminuras.1999

MENDES,Paula.Metáfora.In:E-Dicionariode Termos Literários,2010.disponível em:<><http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/metáfora>.acesso 27 abr.2021